



24° ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
Perspectivas Contemporâneas na Ciência da Informação
• Vitória - ES • Ancib • PPGCI/UFES



XXIV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – XXIV ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT 5 – Política e Economia da Informação

DESINFORMAÇÃO CLIMÁTICA NO BRASIL: PRINCIPAIS ATORES E TÁTICAS

CLIMATE DISINFORMATION IN BRAZIL: MAIN ACTORS AND TACTICS

Julia Santos Rodrigues Dias – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Liz-Rejane Issberner – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Apesar do consenso científico sobre as origens antropogênicas das mudanças climáticas e dos repetidos alertas científicos sobre a urgência em lidar com seu desafio, o tema ainda é muitas vezes colocado como menos importante ou controverso no debate público. Este trabalho busca entender com o negacionismo climático se organiza no Brasil. A partir do referencial teórico sobre o antropoceno, a agnotologia e a desinformação ambiental, o trabalho analisa os artigos, relatórios e reportagens já publicados sobre o tema. Com isso, apontamos as semelhanças e diferenças em relação ao já foi publicado sobre negacionismo climático, principalmente nos Estados Unidos, onde ele já é estudado há mais tempo e descrito em livros como “Mercadores da dúvida” (Oreskes e Conway, 2010). Entre as principais conclusões, percebe-se que o negacionismo no Brasil atua como um movimento orquestrado, patrocinado principalmente pelo agronegócio, com consequências práticas nas políticas pública e que ganhou maior relevância e *status* oficial durante governo Bolsonaro (2018-2022).

Palavras-chave: Negacionismo, desinformação, mudanças climáticas, Brasil.

Abstract: Despite the scientific consensus on the anthropogenic origins of climate change and repeated scientific warnings about the urgency of addressing its challenge, the issue is often portrayed as less important or controversial in public discourse. This study aims to understand how climate denialism is organized in Brazil. Drawing on theoretical frameworks of the anthropocene, agnotology, and environmental disinformation, the research analyzes articles, reports, and news stories already published on the subject. With that, we highlight similarities and differences compared to what has been published on climate denialism, particularly in the United States, where it has been studied longer and described in books such as "Merchants of Doubt" (Oreskes and Conway, 2010). Among the main findings, it is evident that denialism in Brazil operates as an orchestrated movement, primarily sponsored by agribusiness, with practical consequences in public policies. It gained greater prominence and official status during the Bolsonaro government (2018-2022).

Keywords: denialism; disinformation; climate change, Brazil.

1 INTRODUÇÃO

As mudanças climáticas são um dos principais desafios de nosso tempo. A urgência do problema se revela diariamente com notícias sobre recordes de temperaturas superados a cada ano. No último ano (julho de 2023 a junho de 2024) ultrapassamos pela primeira vez por 12 meses consecutivos a meta de 1,5°C de aumento da temperatura comparada ao período pré-industrial (ClimaInfo, 2024) e 2023 foi o ano mais quente em 100 mil anos (Calgaro, 2024). E as previsões da ciência estimam que as temperaturas devem continuar a subir e atingir uma média de cerca de entre 2,4-2,6°C acima do período pré-industrial até o final deste século, se os atuais compromissos climáticos dos países forem mantidos e cumpridos (PNUMA, 2022). Isso significa que já sentimos os efeitos das mudanças climáticas em nosso dia a dia e que todas as crianças de hoje terão suas vidas e sua saúde profundamente afetadas pelas consequências desse fenômeno.

No entanto, a urgência presente nos alertas científicos e em eventos extremos cada vez mais cotidianos não parece se traduzir ações consertadas e políticas públicas necessárias. Além das dificuldades políticas, econômicas e internacionais que esse desafio coloca, um dos fatores que afeta a tomada de decisões é justamente a falta de percepção da urgência do problema ou mesmo sua negação por completo. Algumas pesquisas têm se debruçado sobre a crença da população nas mudanças climáticas e as conclusões indicam que, no mundo, cada vez menos pessoas acredita nas descobertas científicas sobre o tema (Santini, Barros, 2022). Esses dados condizem com estudos verificam ainda o aumento do volume de mensagens negacionistas e conspiratórias em relação aos conteúdos com base (Santini, Barros, 2022). No Brasil, uma pesquisa realizada pouco após as enchentes no Rio Grande do Sul de maio de 2024 demonstrou que a maioria da população brasileira percebe mudanças climáticas no seu cotidiano (97%). No entanto, esse número cai quando se pergunta se os brasileiros relacionam essas mudanças à ação humana - 77% concordaram com essa afirmação, enquanto 20% afirmaram que oscilações de temperatura fazem parte da natureza (Datafolha, 2024). O índice de concordância é ainda menor com os cientistas quando se perguntar se eles estariam "exagerando" - 31% dos brasileiros indicaram que os cientistas e ambientalistas exageram sobre os impactos das mudanças climáticas (Datafolha, 2024).

Esses dados indicam que as ações em torno das mudanças climáticas têm sido afetadas pelo fenômeno da desinformação, que atinge também outras áreas como saúde, eleições, entre outras. Esse não é fato novo, mas parece ganhar novos contornos e proporções nos

últimos tempos, com as novas ferramentas de comunicação e informação e as plataformas de comunicação nas redes. Por desinformação, entende-se a informação deliberadamente falsa, propagada com o intuito de enganar (Wardle; Derakhshan, 2017). O fenômeno ganha ainda mais importância em um momento em que cresce a desconfiança nas instituições. Para caracterizar a especificidade do momento em que vivemos, em que há uma superabundância informacional, alguns autores sugerem o uso do termo infodemia, que caracteriza a disputa de atores com ou sem especialização científica por espaço nas narrativas de ciência (Santini, Bastos, 2022). Outros autores preferem o termo poluição informacional para caracterizar este contexto (Wardle; Derakhshan, 2017).

Embora já exista uma produção acadêmica sobre o negacionismo climático, em geral, ela se concentra no caso americano, em que esse atua de forma organizada pelo menos desde a década de 1990, e no Norte Global (Milani *et al*, 2021). Ainda são poucos os trabalhos que se aprofundem sobre a desinformação sobre o clima no Brasil e seus contextos específicos (Santini, Bastos, 2022; Miguel, 2022).

2 OBJETIVO E METODOLOGIA

O objetivo deste trabalho é entender e sistematizar o panorama da desinformação sobre o clima no Brasil, apontando os principais atores já mapeados na produção e disseminação do negacionismo climático e suas estratégias principais, verificando assim como elas se relacionam com as táticas descritas pela literatura internacional sobre o negacionismo climático.

Partindo do referencial teórico sobre antropoceno e desinformação ambiental e temas afins, será feita uma revisão bibliográfica de outros estudos já realizados e publicados no Brasil sobre o negacionismo climático. Para isso, serão utilizados os artigos ‘A “meada” do negacionismo climático e o impedimento da governamentalização ambiental no Brasil’, de Jean Carlos Hochsprung Miguel (2022), ‘Negacionismo climático e desinformação online: uma revisão de escopo’ (2022), de Rose Marie Santini e Carlos Eduardo Barros, assim como o relatório ‘Panorama da Infodemia Socioambiental - Análise multiplataforma do ecossistema brasileiro de mídia digital 2021 – 2022’, produzido pelo Netlab (ECO/UFRJ). Esses trabalhos foram escolhidos por estarem entre os poucos publicados no Brasil sobre o tema e também por seu esforço em reunir e sistematizar algumas conclusões deste campo ainda emergente.

Além disso, a série de reportagens sobre negacionismo climático no Brasil publicada pela Deutch Welle Brasil (DW) em junho e julho de 2023 dará apoio à análise.

3 APORTE TEÓRICO

A hipótese de que a ação humana, através da emissão excessiva de gases de efeito estufa, poderia causar o aquecimento do clima na Terra foi levantada pela primeira vez por Svante Arrhenius em 1896 (Weart, 2011). Quase um século depois, o que era uma estimativa teórica encarada com o ceticismo científico ganhou novas evidências. Em 1988, uma conferência internacional no Canadá concluiu que as mudanças climáticas antropogênicas colocavam em risco a segurança de diversas nações, com aumento do nível do mar, levando a intensas ondas de migração, ondas de calor que ameaçaria a segurança alimentar e poderiam provocar conflitos (Weart, 2011).

Hoje, existe entre os cientistas um consenso de que a ação humana vem impactando o clima do planeta de forma inequívoca a uma velocidade sem precedentes (IPCC, 2023). A constatação sobre a relevância da ação humana em processos geológicos abriu a discussão se estaríamos vivendo uma nova época geológica: o antropoceno, que para outros autores seria melhor descrito como capitaloceno ou outros termos derivados (Issberner, Léna, 2019). No entanto, o consenso científico sobre as mudanças climáticas continua longe de ser um consenso em outras áreas.

Internacionalmente, a pauta ambiental passou a ganhar relevância política. A Conferência de Estocolmo, em 1972, deu início às discussões sobre o tema, que levaram à criação do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA, hoje ONU Meio Ambiente), no mesmo ano. Em 1988, após o alerta de cientistas, a ONU Meio Ambiente e a Organização Meteorológica Mundial (OMM) criaram em conjunto o Painel Intergovernamental para as Mudanças Climáticas (IPCC), que reúne cientistas que pesquisam o tema para sintetizar periodicamente as evidências sobre o assunto. Essa se tornou, então, a fonte proeminente para a informação científica relacionada às mudanças climáticas.

Além disso, a ONU adotou, em 1992, a Convenção Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (UNFCCC), principal instrumento internacional neste assunto. O tratado estabelece responsabilidades comuns, mas diferenciadas entre os países, conforme o nível de industrialização e desenvolvimento e o histórico de emissões. A questão da responsabilidade,

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

que se reflete em uma exigência de ação e compromissos mais ambiciosos, tem sido parte importante do debate sobre as mudanças climáticas (Chakrabarty, 2015). As Conferências das Partes da Convenção (COPs) funcionam como a principal arena internacional para a negociação de acordos sobre metas de redução de emissões e de investimentos em mitigação e adaptação. Foram durante as COPs que os dois principais acordos sobre o tema – o Protocolo de Kyoto e o Acordo de Paris – foram assinados. O Acordo de Paris estabelece o objetivo de manter a temperatura do planeta em até 1,5°C acima de antes do período industrial. No entanto, cabe aos países determinarem as próprias metas de redução das emissões e o quanto vão investir e se comprometer com as ações de mitigação e adaptação necessárias, em seus próprios territórios e nos países mais vulneráveis.

Para tanto, é importante que se crie ambientes internos nacionais favoráveis para a tomada de medidas em âmbito internacional e também em políticas públicas concretas locais. Neste sentido, a mobilização e a pressão pública são essenciais para que governos em regimes democráticos possam avançar na agenda do clima. A educação, a disseminação de informações e comunicação climáticas tornam-se assim elementos importantes para impulsionar as políticas para o clima.

Para Bruno Latour (2020), a existência de um Novo Regime Climático é a questão central de nosso tempo, que permite explicar fenômenos importantes como a desregulação, a globalização e o negacionismo climático. Segundo o autor, as elites perceberam que não há espaço na Terra para todos e decidiram abandonar todas as políticas de solidariedade. Desta forma, “a questão do negacionismo climático organiza toda a política do tempo presente” (Latour, 2020, p. 27). A ideia de pós-verdade seria então uma abordagem superficial, pois não explicita a causa de o vínculo com a verdade ter sido rompido, nem a causa do ceticismo ou da desconfiança da população.

Latour argumenta que os fatos não se sustentam sozinhos. É necessário um mundo compartilhado, com instituições e vida pública para sustentá-los. O problema não seria, portanto, um déficit intelectual, e sim um “déficit de prática comum”. As “pessoas comuns” possuem razões para desconfiarem das ciências, dos governos ou da mídia, afinal elas foram abandonadas pelas promessas de progresso. As tentativas de reverter essas desconfianças com a mera apresentação de fatos razoáveis não dão conta de responder a essa lacuna (Latour, 2020).

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

No contexto atual, o historiador Robert Proctor (2019) propõe que a construção da ignorância humana deveria ser um campo de estudo específico: a agnotologia. De acordo com essa noção, a visão de que a ignorância é um vazio que pode ser preenchido pelo conhecimento deve ser substituída por pesquisas que busquem entender as formas como a ignorância é produzida culturalmente, de forma premeditada e estrutural, "por negligência, miopia, segredo ou supressão" (Proctor, 2019, p. 16). Assim como a epistemologia se dedica ao estudo do conhecimento, a agnotologia se dedicaria ao estudo da ignorância, proposta coerente com o momento de crise epistemológica em que vivemos e com a quantidade e variedade de ignorância que há no mundo, assim como suas consequências sociais. Para o pesquisador, a desinformação e a promoção da dúvida são algumas formas de produção intencional da ignorância.

Essa tática foi bem demonstrada na investigação sobre a indústria do tabaco, que fabricou controvérsias científicas durante anos no intuito de manter seus negócios funcionando, se protegendo das críticas sociais e das regulações do Estado (Proctor, 2019). As semelhanças entre as estratégias utilizadas pelos negacionistas climáticos e as usadas anteriormente pela indústria do tabaco foram bem documentadas por Naomi Oreskes e Erik Conway (2010). Os autores destacam o negacionismo como um movimento organizado e financiado que visa manter ativa a dúvida sobre a veracidade do aquecimento global e sua causa antropogênica, negando assim o consenso científico sobre o tema e o colocando como um assunto controverso. Ao sistematizarem as estratégias adotadas pelos negacionistas climáticos norte-americanos contra o IPCC, nos anos 1980 e 1990, enfatizam que a contestação do aquecimento global trazia, por um lado, um certo "fundamentalismo de livre-mercado", por outro, promovia uma "caçada aos ambientalistas" caracterizados como "comunistas disfarçados" (Oreskes e Conway, 2010). Entre os principais financiadores da desinformação nesse caso estão as grandes corporações petrolíferas, como a Exxon Mobile, e conglomerados, como a Koch Industries, cujos negócios estariam em risco caso ações de mitigação climática fossem tomadas. O Partido Republicano e os *think tanks* conservadores, como o Marshall Institute, o Heartland Institute e o Cato Institute, também atuam como forças importantes para desinformação sobre o clima (Oreskes e Conway, 2010).

John Cook (2018) descreve algumas técnicas usadas para desinformar sobre o clima. As principais técnicas listadas podem ser agrupadas em cinco grandes grupos, reunidos na sigla em inglês FLICC (Cook, 2020): 1) o uso de especialistas falsos, em geral, cientistas de

outras áreas de especialização que se apresentam como autoridades no tema; 2) o uso falácias lógicas; 3) a criação de expectativas impossíveis em relação à ciência do clima; 4) a técnica chamada *cherry-picking* – ou escolha de evidências reais, mas específicas e descontextualizadas; e 5) as teorias da conspiração. Essas técnicas principais são descritas e destrinchadas em outras táticas menores que se encaixam em algum desses grupos. Elas se alinham às estratégias dos chamados “mercadores da dúvida”, descritos por Oreskes e Conway (2010).

4 DISCUSSÃO

Ao analisar o caso brasileiro, vemos uma diferença em relação ao negacionismo americano, já amplamente estudado e analisado. Enquanto nos Estados Unidos a indústria de combustíveis fósseis, em especial a indústria petrolífera, representa a maior financiadora do negacionismo climático, no Brasil a desinformação sobre o clima tem como principal interessado e patrocinador o agronegócio. Isto se explica pela composição do desmatamento nas emissões de gases de efeito estufa pelo Brasil, fortemente influenciada pela expansão da fronteira agrícola. No país, 49% das emissões vêm das mudanças do uso da terra¹ – o que inclui as queimadas – e 25% são de responsabilidade da agropecuária (Observatório do Clima, 2023).

A partir do artigo de Jean Carlos Hochsprung Miguel (2022), é possível notar que o negacionismo climático no Brasil nasce e cresce juntamente com a discussão e a conscientização climática no país. Ao regatar um histórico dos primeiros usos de termos relacionados ao tema, bem como dos primeiros artigos que negavam o aquecimento global na mídia, Miguel traça um paralelo entre os pontos marcantes da discussão sobre clima e o crescimento da desinformação sobre o assunto.

Um ponto claro dessa relação é a ocasião da publicação do quarto relatório do IPCC (AR4), em 2007, quando foi elaborado o Plano Nacional sobre Mudanças do Clima (PNMC – Decreto n.o 6.263). Neste mesmo ano, em maio, o escritor Olavo de Carvalho publicou no jornal Diário do Comércio, artigo intitulado “Ciência ou palhaçada?”, no qual criticava o filme

¹ Mudanças de uso da terra (MUT) corresponde a uma categoria definida por autoridades climáticas internacionais, que junto com outras são utilizadas para mensurar as emissões/remoções do carbono atmosférico. O uso da terra tem várias finalidades (florestas, agricultura, pastagem etc.). No Brasil o mais comum é a mudança de uso da terra com florestas, convertidas para terras agrícolas ou de pastagem que implica na elevação dos índices de emissão.

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

de Al Gore, “Uma verdade inconveniente”. Essa foi uma das primeiras aparições do negacionismo climático na mídia brasileira, que ganhou voz em um momento de grande atenção pública e curiosidade a respeito das mudanças climáticas (Miguel, 2022). Nesse artigo de 2007, Carvalho já demonstrava um viés conspiracionista em suas afirmações contra a tese do aquecimento global, que chamava de “trapaça” e associava a uma “militância esquerdista” infiltrada em organismos internacionais.

Essa relação corrobora a tese de Oreskes e Conway (2010) de que o negacionismo serve para manter ativa a dúvida e, com isso, protelar a tomada de decisão política sobre o tema. Ou seja, essas coincidências históricas ajudam a demonstrar como, longe de ser uma narrativa fantasiosa ao acaso conduzida por agentes individuais, o negacionismo climático atua de forma consciente e organizada para atingir seus objetivos. Para Miguel, o negacionismo climático “desempenhou um papel estratégico na visão de mundo liberal-conservadora e sua ação de impedimento de processos de governamentalização ambiental no Brasil” (Miguel, 2022, p. 294). Desta forma, no momento em que as mudanças climáticas se tornaram uma urgência, “as primeiras linhas do negacionismo, como dispositivo, passaram a ser tecidas” (Miguel, 2022, p. 299). Posteriormente, esse esforço se organizou ainda mais, se concentrando em objetivos específicos como a luta pela desregulamentação da legislação ambiental – representado pelo novo Código Florestal – e contra os compromissos internacionais estabelecidos pelo Brasil. Sendo assim, outros momentos em que os negacionistas ganham projeção, tanto na mídia quanto em discussões no congresso brasileiro, são justamente durante as discussões do novo Código Florestal, de 2009 a 2012, às vésperas da realização da Rio+20 no Brasil, em 2012, e durante o governo Bolsonaro (2018-2022), quando o negacionismo invade espaços oficiais (Miguel, 2022).

De acordo com artigos e reportagens já publicados sobre o tema, é possível concluir que entre os principais atores do negacionismo e da desinformação climática no Brasil destacam-se quatro grupos: os cientistas ou falsos especialistas, os institutos ou *think tanks*, os políticos e os influenciadores (jornalistas, youtubers e blogueiros) - esses três últimos majoritariamente ligados à direita e, principalmente, à extrema-direita.

No primeiro grupo, destacam-se três figuras que são conhecidas por cientistas, jornalistas e pesquisadores da área (Pontes *et al.*, 2023). O físico Luiz Carlos Molion, professor da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), o ex-militar e geógrafo Ricardo Felício, ex-professor da Universidade de São Paulo (USP), e Evaristo de Miranda, técnico da Empresa

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa). Além deles, o físico, ex-reitor da UnB e capitão de mar e guerra José Carlos de Almeida Azevedo também aparece nos primórdios do negacionismo climático do Brasil como uma figura relevante (Miguel, 2022). Embora falecido em 2010, Azevedo teve atuação destacada – com publicação de artigos na mídia e participação de audiências no congresso – em que utilizava o verniz científico e suas credenciais para negar o consenso já formado. A tática guarda-chuva de se apresentarem como especialistas – no caso, falsos especialistas (Cook, 2018) – ligados a instituições respeitadas é comum entre todos esses atores destacados e convive com táticas específicas adotadas por cada um em seu trabalho de porta-vozes da desinformação ambiental. Apesar de em pequeno número, esse grupo de especialistas falsos ganhou projeção, contribuindo para um falso debate sobre a existência do aquecimento global permanesse na mídia, no congresso e, mais recentemente, nas redes sociais. Neste aspecto cabe destacar que a grande mídia brasileira, tal qual a norte-americana, teve papel importante ao abrir espaço para negacionistas, alimentando uma falsa equivalência, que já não se demonstrava na ciência.

Ricardo Felício é um geógrafo formado pela USP e foi demitido de seu cargo de professor na mesma universidade por abandono de função em 2023 (Miranda, 2023). Apesar de não comparecer às atividades acadêmicas, Felício usava o título conferido pela prestigiosa instituição para ajudar a vender seus cursos online e para aumentar o alcance de seus textos e vídeos em plataformas como Youtube e Instagram, que possuem um público de milhares de pessoas. Além de se apresentar como um especialista no tema, Felício também usa outras táticas descritas por Cook (2020) como usar o tom conspiratório ao chamar as mudanças climáticas de “hipótese fraudulenta”, negar a influência das ações do homem nas mudanças climáticas e o próprio aquecimento do planeta sem apresentar dados verificáveis, e atacar o IPCC e seus cientistas, chamados por ele de “vendidos” (Pontes *et al*, 2023; Miguel, 2022). Em reportagem da DW, Felício é descrito como um “showman carismático” (Pontes *et al*, 2023).

Luiz Carlos Molion é físico, meteorologista e professor aposentado da UFAL, no entanto, nunca trabalhou com modelagem climática. Segundo seus pares, ele era um professor respeitado em seu campo de estudos até começar a proferir teses negacionistas, no início dos anos 1990 (Pontes *et al*, 2023). Com um tom também conspiracionista, que chama o IPCC de “maior órgão terrorista do planeta”, ele nega a influência do dióxido de carbono sobre o clima e questiona os métodos e modelos usados para modelagem climática como “rudimentares” e “imprecisos”, usando uma tática que Cook (2020) chama de “expectativas

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

impossíveis”. Molion é apontado como o mais solicitado entre os cientistas negacionistas para dar suas palestras, para públicos que vão de produtores rurais a grupos ligados à ala ultraconservadora da Igreja Católica. Em 2018, ele chegou a 50 palestras em diversos estados brasileiros, contratado por empresas vinculadas ao agronegócio, além de associações de produtores, prefeituras e governos estaduais. (Pontes *et al*, 2023; Miguel, 2022).

Evaristo de Miranda é um funcionário de carreira da Embrapa, hoje aposentado, que durante anos usou o respaldo da instituição para produzir o que a reportagem da DW descreve como “estatística criativa” e resultados “não verificáveis” (Pontes *et al*, 2023). A manipulação de dados e as ligações com o poder político e econômico são as principais táticas usadas por Miranda. Suas pesquisas com metodologias opacas e difíceis de reproduzir geram muitos números difíceis de serem contestados, mesmo ele nunca tendo alcançado prestígio entre seus pares e relevância internacional. Para os cientistas entrevistados pela DW, essa tática é mais “refinada e cuidadosa” do que a de outros falsos especialistas. Essa sofisticação o ajudou a receber apoio e financiamento do agronegócio, que muitas vezes utilizava os dados gerados por ele em suas análises, e que chegasse a ser considerado uma espécie de “guru ambiental” do ex-presidente Jair Bolsonaro (Pontes *et al*, 2023). Ao compararmos com o esquema proposto por Cook, é possível dizer que Miranda utiliza uma mistura de táticas de “cherry-picking”, com a escolha de evidências que o convém, com falácias lógicas.

Os cientistas que se colocam como (falsos) especialistas no tema dão base para manter a discussão acesa e fornecem dados e argumentos para que outros personagens do ecossistema da desinformação ambiental no Brasil possam atuar. Esses outros atores, cada um em seu campo de atuação, também desempenham um papel importante no negacionismo climático, ao protelar as importantes discussões políticas sobre o tema.

Institutos de viés neoliberal com inspiração nos *think tanks* americanos, que historicamente promoveram e financiaram a desinformação sobre o clima, fazem parte desse ecossistema da desinformação ambiental. No Brasil, alguns desses institutos que associam o negacionismo climático e ambiental ao seu discurso são: o Instituto Liberal, o Instituto Plínio Corrêa de Oliveira (IPCO), o Instituto Mises-Brasil, o Instituto Millenium, o Movimento Brasil Livre (MBL), Movimento Solidariedade Ibero-Americana (MSI) e, mais recentemente, o Instituto Liberal Conservador (Miguel, 2022). Entre suas táticas de atuação, estão a publicação de livros e a promoção de palestras de negacionistas.

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

A política é outro campo importante de atuação do negacionismo, com porta-vozes entre membros eleitos do congresso e, nos últimos anos, também do executivo. O relatório do Netlab (2022) mapeia alguns desses atores considerados protagonistas nesse processo, por ocuparem ou terem ocupado cargos eletivos ou ministérios. Entre os nomes destacados no relatório estão a família Bolsonaro – especificamente o ex-presidente Jair Bolsonaro e seu terceiro filho e deputado federal por São Paulo, Eduardo Bolsonaro; a deputada federal Carla Zambeli; o governador de São Paulo e ex-ministro, Tarcísio Freitas; os deputados federais Ricardo Salles (também ex-ministro); Filipe Barros, Tereza Cristina, Carlos Jordy. Embora tenham atuação parlamentar, esses políticos são destacados principalmente por sua forte presença nas plataformas digitais, onde possuem grande número de seguidores e alcance. Outros nomes que merecem destaque, embora não entrem na análise das redes, são o do ex-ministro de relações exteriores do governo Bolsonaro, Ernesto Araújo, e do ex-ministro do governo Lula e ex-deputado Aldo Rebelo. Este último destaca-se por ter tido atuação importante para a disseminação do negacionismo climático no Brasil, tanto em falas à imprensa quanto em sua atuação política como relator da Comissão Especial do Código Florestal (Miguel, 2022). Cabe destacar que ele é o único entre os nomes listados aqui que não se identifica com o campo político da direita liberal, tendo sido filiado ao Partido Comunista do Brasil (PC do B) e sendo atualmente filiado ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB), após passagem pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT).

Com o governo Bolsonaro, o negacionismo climático ganhou ares oficiais que muitas vezes se transformou em política de governo. Figuras como Ricardo Felício e Luiz Molion voltaram a ocupar espaços como audiências públicas do Senado para debater em pé de igualdade com cientistas do IPCC sobre as mudanças climáticas, ministros com discursos negacionistas foram colocados em postos-chave, como o Ministério do Meio Ambiente e o Itamaraty (Miguel, 2022). Ricardo Salles como ministro do meio ambiente chegou a classificar as mudanças climáticas “um assunto acadêmico controverso” e disse havia “muito alarmismo sobre o assunto”, enquanto Ernesto Araújo como chanceler adotava um tom conspiracionista, colocando o tema como um plano comunista e globalista para impedir o desenvolvimento de países como Brasil (Miguel, 2022). Nas primeiras semanas de governo, a Secretaria de Mudanças Climáticas e Florestas do Ministério do Meio Ambiente (MMA) foi extinta, o Brasil também abriu mão de sediar a COP em 2019 e teve tímida participação na COP 25 na Espanha. “O dispositivo do negacionismo climático não apareceu no Brasil com o bolsonarismo, mas

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

encontrou nesse movimento político novas condições de crescimento e exercício do poder”, resumiu Miguel (2022). Segundo o autor, o negacionismo climático foi usado como estratégia de impedimento para o avanço de políticas ambientais neste período.

As novas plataformas digitais aparecem com destaque no panorama traçado pelos pesquisadores da UFRJ, que evidencia o YouTube como o principal veículo para desinformação climática entre as redes analisadas (Santini *et al.*, 2022). Entre os principais responsáveis pela propagação de desinformação sobre o clima nas redes, estão influenciadores como Leandro Narloch, Rodrigo Constantino, Nando Moura e Leda Nagle, canais como Brasil Paralelo, Movimento Brasil Livre (MBL); Terça Livre e Jovem Pan, programas como “Pânico na Band” e “Imprensa Livre” da Gazeta do Povo, além de programas e canais destinados ao agronegócio (Santini *et al.*, 2022).

A importância desses novos meios para a promoção do negacionismo climático é destacada também por Miguel (2022), assim como por inúmeros trabalhos que se debruçam sobre a arquitetura dessas plataformas e suas consequências para a disseminação de desinformação e as democracias no mundo (Lander; Lang, 2022; Wardle; Derakhshan, 2017). O uso das redes se soma e intensifica outras táticas já utilizadas anteriormente, como a publicação de artigos na imprensa e a tradução e publicação de livros com ideais negacionistas, que acontece no Brasil a partir do ano de 2008. Nomes como Olavo de Carvalho e Dom Bertrand de Orleans e Bragança foram alguns dos que se destacaram nesses primórdios do negacionismo à brasileira, sedimentando um discurso e abrindo caminho para os que os seguiram.

Entre as narrativas que dominam o discurso negacionista no Brasil, dando sentido e amarrando os diferentes interesses em jogo, destacam-se aquelas com um tom patriótico, invocando o significativo “Amazônia” (Santini *et al.*, 2022) como uma riqueza brasileira ou colocando as conclusões do IPCC ou os acordos sobre clima como interesses “globalistas” ou “comunistas” que querem “roubar nossa floresta” e “nos submeter ao seu modo de vida” (Santini *et al.*, 2022, Miguel, 2022). Desta forma, ideais conservadores e patrióticos são mobilizados, enquanto ambientalistas, cientistas e pautas ambientais são atacados. Os pesquisadores do Netlab ressaltam que “há uma inversão no significado de riqueza: ao invés de significar ‘floresta e biodiversidade, a Amazônia é vinculada à ideia de crescimento econômico e PIB” (Santini *et al.*, 2022, p. 4).

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

Desta forma, assim como em outros discursos negacionistas e conspiratórios, a descrença nas mudanças climáticas se relaciona com certos valores ideológicos-partidários. No Brasil, ela está mais ligada ao discurso da extrema-direita e do bolsonarismo, assim como a setores econômicos do agro, da bancada ruralista e algumas igrejas evangélicas. Essa conclusão corrobora com a constatação geral de que, mundialmente, o discurso negacionista climático se relaciona com uma cultura individualista, hierárquica e defesa do livre-mercado (Santini, Bastos, 2022). Para Miguel (2022), “o negacionismo climático surge como uma ‘meada’, um nexos de várias narrativas, instituições e elementos que se relacionam compondo um todo que não pode ser desagregado sem prejuízo de tal concepção de mundo” (p. 309).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura dos trabalhos já publicados demonstra que o negacionismo no Brasil se encontra organizado, seguindo os mesmos passos do que acontece em outros países, especialmente os Estados Unidos, embora possua algumas características particulares.

Entre os elementos em comum, vemos o uso de técnicas de desinformação similares – como o uso de falso especialistas amplificando um debate com falsas equivalências – e de uma estratégia desmobilização e protelação da ação climática para evitar que medidas concretas, efetivas e coletivas sejam tomadas. Além disso, a associação entre o discurso cristão conservador, o discurso econômico liberal e o discurso negacionista climático também é um ponto em comum da desinformação sobre o clima no Brasil e em outros países.

Entre os aspectos particulares do caso brasileiro, a proeminência do agronegócio como principal financiador da desinformação ambiental se distingue de outros países. Isto se dá pela participação do setor agropecuário e do desmatamento entre as fontes das emissões brasileiras e pelo peso do setor na economia do país. A centralidade dada à Amazônia no discurso negacionista também é um importante fator de distinção no caso brasileiro.

O discurso conspiratório da “farsa do aquecimento global” como um plano comunista para destruir a civilização ocidental e a soberania das nações é um ponto em comum com o discurso negacionista de outros países. No entanto, a invocação de um patriotismo e da soberania nacional dão contornos nacionalistas às teorias conspiratórias, que exaltam as riquezas nacionais sendo cobçadas por estrangeiros ou um plano dos países ricos para impedir o desenvolvimento de nações menos industrializadas.

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

Pelo que demonstrado aqui é possível perceber que o negacionismo brasileiro tem tido algum sucesso, especialmente durante o governo Bolsonaro, em impor suas pautas e protelar a ação climática no país. Miguel (2022) chama atenção ainda para o fato de que a comunidade científica no país ainda está focada em comunicar-se com seus pares, enquanto os negacionistas entenderam há algum tempo as vantagens de falar para outros públicos. Esse cenário demonstra a necessidade de se continuar pesquisando e abordando o tema, já que ainda são pouco os trabalhos publicados no Brasil que tratam dos fatores locais do negacionismo e da desinformação climática.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) por meio do Programa de Excelência Acadêmica (PROEX), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj).

REFERÊNCIAS

CALGARO, Fernanda. 2023 foi o ano mais quente já registrado nos últimos 100 mil anos, diz observatório europeu. **G1**. 09 de janeiro de 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/meio-ambiente/noticia/2024/01/09/2023-foi-o-ano-mais-quente-ja-registrado-diz-observatorio-europeu.ghtml>. Acesso em 11 de julho de 2024.

CHAKRABARTY, Dipesh. The Human Condition in the Anthropocene. The Tanner Lectures in Human Values. Yale University, In MATHESON, M. (Ed.), **The Tanner Lectures on Human Values**. Vol. 35, pp. 137-188. University of Utah Press, 2015.

CLIMAINFO. **Mundo completa 1 ano com temperatura pelo menos 1,5°C acima da média pré-industrial**. 9 de julho de 2024. Disponível em: <https://climainfo.org.br/2024/07/08/mundo-completa-1-ano-com-temperatura-pelo-menos-15c-acima-da-media-pre-industrial/>. Acesso em: 11 de julho de 2024.

COOK, John et al. Deconstructing climate misinformation to identify reasoning errors. **Environmental Research Letters**, 2018.

COOK, John. A history of FLICC: the 5 techniques of science denial. **Skeptical Science**. 31 de março 2020. Disponível em: <https://skepticalscience.com/history-FLICC-5-techniques-science-denial.html>. Acesso em 11 de julho de 2024.

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

DATAFOLHA. **Percepção sobre mudanças climáticas no Brasil** (Relatório). 2024. Disponível em: <https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniao-e-sociedade/2024/07/52-veem-mudancas-climaticas-como-risco-imediate-e-para-43-riscos-ficaroo-para-futuras-geracoes.shtml>. Acesso em 03 de fevereiro de 2025.

IPCC. Climate Change 2023: Synthesis Report. *In*: LEE, H.; ROMERO, J. (Eds.). **Contribution of Working Groups I, II and III to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change**. IPCC, Geneva, Switzerland, 2023. p. 35-115. Disponível em: https://www.ipcc.ch/report/ar6/syr/downloads/report/IPCC_AR6_SYR_FullVolume.pdf. Acesso em: 22 jan. 2025.

ISSBERNER, Liz-Rejane; LÉNA, Philippe. Antinomias do Antropoceno. **ECOECO**: Boletim da Sociedade Brasileira de Economia Ecológica, [S.l.], n. 38, p. 7-14, 2019. Disponível em: http://ecoeco.org.br/wp-content/uploads/2019/02/Boletim38_ECOECO-OK-1.pdf. Acesso em: 22 jan. 2025.

LANDER, Edgardo; LANG, Miriam. Redes digitais, conocimiento y postverdad: Los desafíos para la democracia en tiempos de pandemia. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 1-18, maio 2022. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/194630>. Acesso em: 22 jan. 2025.

LATOUR, Bruno. **Onde aterrar**: Como se orientar politicamente no Antropoceno. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

MIGUEL, Jean Carlos Hochsprung, A “meada” do negacionismo climático e o impedimento da governamentalização ambiental no Brasil. **Revista Sociedade e Estado**, [S.l.], v. 37, n. 1, p. 293-315, jan./abr. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/wCDHY4RdNWSBZC5m6Q7fpBx/?format=pdf>. Acesso em: 22 jan. 2025.

MILANI, Carlos R. S. et al. Is Climate Obstruction Different in the Global South Observations and a Preliminary Research Agenda. CSSN Position Paper, n. 4, **The Climate Social Science Network**. Rhode Island: Brown University, 2021.

MIRANDA, Giuliana. Ricardo Felício, que nega causa humana da mudança climática, será demitido da USP por faltas. **Folha de SP**. 17 de julho de 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2023/07/ricardo-felicio-que-nega-causa-humana-da-mudanca-climatica-sera-demitido-da-usp-por-faltas.shtml>. Acesso em: 31 de jul. de 2023.

OBSERVATÓRIO do Clima. **Análise das emissões de gases de efeito estufa e suas implicações para as metas climáticas do Brasil 1970-2021**. 2023. Disponível em: <https://energiaeambiente.org.br/wp-content/uploads/2023/04/SEEG-10-anos-v5.pdf>. Acesso em: 31 de jul. de 2023.

ORESQUES, Naomi; CONWAY, Erik. **Merchants of Doubt**: How a Handful of Scientists Obscured the Truth on Issues from Tobacco Smoke to Global Warming. Nova York: Bloomsbury Press, 2010.

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

PNUMA. Progresso insuficiente na ação climática: rápida transformação da sociedade é a única saída – PNUMA. **ONU – programa para o meio ambiente**. 27 de outubro de 2022. Disponível em: <https://www.unep.org/pt-br/noticias-e-reportagens/comunicado-de-imprensa/progresso-insuficiente-na-acao-climatica-rapida>. Acesso em: 28 jul. de 2023.

PONTES, Nádia; RODRIGUES, Meghie; SOARES, Giselle; FONTANETTO, Renata; BRASIL, Vanessa; OLIVEIRA, Diogo de; GERAQUE, Eduardo; GUENTHER, Mariana. Como negacionistas influenciam o debate ambiental no Brasil. **DW**. 30 de junho de 2023. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/como-negacionistas-influenciam-o-debate-ambiental-no-brasil/a-66064437>. Acesso em: 28 jul. de 2023.

PROCTOR, R. N. Agnotología. **Revista de Economía Institucional**, [S. l.], v. 22, n. 42, p. 15–48, 2019. DOI: 10.18601/01245996.v22n42.02. Disponível em: <https://revistas.uexternado.edu.co/index.php/ecoins/article/view/6253>. Acesso em 3 fev. de 2025.

SANTINI, Rose Marie; BARROS, Carlos Eduardo. Negacionismo climático e desinformação online: uma revisão de escopo. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 1-27, maio 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.18617/liinc.v18i1.5948>. Acesso em: 22 jan. 2025.

SANTINI, Rose Marie *et al.* **Panorama da Infodemia Socioambiental: uma análise multiplataforma do ecossistema brasileiro de mídia digital**. Rio de Janeiro: NetLab, 2022. Disponível em: <https://netlab.eco.ufrj.br/en/post/overview-of-the-socio-environmental-infodemic>. Acesso em: 22. Jan 2025.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **Information disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making**. Estrasburgo: Council of Europe, 2017.

WEART, Spencer. Global warming: How skepticism became denial. **Bulletin of the Atomic Scientists**, [S. l.], v. 67, n. 1, p. 41-50, 2011. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0096340210392966>. Acesso em: 22 jan. 2025.